



ENCRUZILHADAS: ENTRE HISTÓRIAS E ALGUMAS ANÁLISES DO AFROCIENTISTA-NACIONAL EM 2022

Thatianny Alves de Lima Silva¹

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciência e Matemática, Goiânia, GO, Brasil.

Silvani dos Santos Valentim²

*Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
PPGET e Departamento de Educação.
Belo Horizonte, MG, Brasil.*

Gabriela Pereira Nunes dos Santos³

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciência e Matemática, Goiânia, GO, Brasil.

Deborah Terezinha Conceição⁴

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Goiás (2020-). Membro do Coletivo Ciata do Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão do Instituto de Química (LPEQI/UFG). Coordenadora Nacional/Geral do Projeto Afrocientista (ABPN/IU). Mestre em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências, na Universidade de Brasília (2012-2014). E-mail: thatiannysilvaa@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5984-879X>

² Ph.D. em Educação (Temple University, USA). Professora do PPGET e do Departamento de Educação. É gestora da Coordenadoria de Gênero, Raça, Ações Afirmativas e Identidades (CGRAI/CEFET-MG) e pesquisadora das relações raciais educação, trabalho e tecnologias; relações de gênero e diversidades, currículo e formação de professoras (es). Líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/CNPq), coordena projetos de pesquisa sobre a democratização e popularização do conhecimento científico com ênfase em gênero e raça (Afrociências/CNPq), Afrocientista (Instituto Unibanco e ABPN) e Minas Negras da ABPN (British Council). Integra o Comitê Científico do GT 21 da ANPEd. É Diretora de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) (ABPN), participa do World Education Research Association (WERA). E-mail: silvani@cefetmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5798-2477>

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Química pela Universidade Federal de Goiás (2022). Bacharel em Química pela Universidade Federal da Bahia (2018). Atual Secretária Financeira do Projeto Afrocientista, gerenciado pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN/IU). Integrante do Coletivo Negro/a Tia Ciata no Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão (LPEQI/UFG), vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Ensino de Ciências (NUPEC) do Instituto de Química da UFG. E-mail: g.pnds29@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2822-018X>

⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás (UFG). Licenciada em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Secretária Geral do Projeto Afrocientista (ABPN/IU). Coordenadora Administrativa Financeira do Projeto Investiga Menina!. Integrante do Coletivo Negro/a Tia Ciata no Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão (LPEQI/UFG). Integrante do Núcleo de

Ketlin Cristina Mouzinho Santos⁵

Faculdade UnB Planaltina, Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, Planaltina, DF, Brasil.

Resumo: Este artigo tem a intenção de evidenciar algumas das memórias do projeto Afrocientista em âmbito nacional. Quanto aos aspectos históricos, buscar-se-á tratar desde a primeira edição do projeto. Quanto às análises de impactos, dedica-se aos resultados da terceira edição, em 2022, acerca de dois eixos: i) concepções e sobre racismo; ii) impactos do projeto na perspectiva de estudantes bolsistas da educação básica. Considerando uma análise dos relatos aos questionários iniciais e finais foi possível observar uma maior percepção de atitudes e falas racistas no cotidiano, maior posicionamento em falas e comportamentos acerca do tema e o entendimento do caráter estrutural do racismo. Quanto aos impactos, a maioria dos/as bolsistas indicou impactos tanto no âmbito escolar como pessoal. A relevância em atentar-se para jovens negros/as e contribuir com espaços que representam aquilombamentos contemporâneos.

Palavras-Chave: Educação Antirracista; Afrocientista; Iniciação Científica; Letramento Racial.

CROSSROADS: BETWEEN STORIES AND SOME ANALYSIS OF THE AFROSCIENTIST-NATIONAL IN 2022

Abstract: This article intends to highlight some of the memories of the Afroscientista project nationwide.. As for the historical aspects, we will try to address them from the first edition of the project. As for the analysis of impacts, it is dedicated to the results of the third edition, in 2022, on two axes: i) conceptions and on racism; ii) impacts of the project from the perspective of basic education scholarship students. Considering an analysis of the reports to the initial and final questionnaires, it was possible to observe a greater perception of racist attitudes and speeches in everyday life, greater positioning in speeches and behaviors about the theme and the understanding of the structural character of racism. As for the impacts, most scholarship holders indicated impacts both at school and at personal level. The relevance of paying attention to young black people in a way to encourage talents and contribute to spaces that represent contemporary settlements.

Keywords: Anti-racist Education; Afroscientist; Scientific Research; Racial Literacy.

ENCrucIJADA: ENTRE HISTORIAS Y ALGUNOS ANÁLISIS DEL AFROSCIENTISTA-NACIONAL EN 2022

Resumen: Este artículo pretende resaltar algunas de las memorias del proyecto Afrocientista a nivel nacional. En cuanto al análisis de impactos, se dedica a los resultados de la tercera edición,

Educação Musical: Estudos sobre a Música Popular Brasileira (NEM) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: deborahconceicao@discente.ufg . ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6636-4336>

⁵ Licenciada em Ciências Naturais na Faculdade UnB Planaltina (FUP). Pesquisa de conclusão de curso intitulada “Obtenção da proteína metacaspase recombinante de Trypanosoma cruzi pelo sistema de expressão baseado em vetor de baculovírus (BEV)”. Secretária de comunicação do Projeto Afrocientista (ABPN/IU) desde a segunda edição. E-mail: cristinaketlin6@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1453-3284>

en 2022, sobre dos ejes: i) concepciones y sobre racismo; ii) impactos del proyecto desde la perspectiva de los becarios de educación básica. Considerando un análisis de los informes a los cuestionarios inicial y final, fue posible observar una mayor percepción de actitudes y discursos racistas en la vida cotidiana, mayor posicionamiento en discursos y comportamientos sobre el tema y la comprensión del carácter estructural del racismo. En cuanto a los impactos, la mayoría de los becarios señalaron impactos tanto a nivel escolar como personal. La relevancia de prestar atención a los jóvenes negros de manera de fomentar talentos y contribuir con espacios que representen los asentamientos contemporáneos.

Palabras-clave: Educación Antirracista; Afrocientista; Iniciación Científica; Alfabetización racial.

CROSSROADS: ENTRE HISTOIRES ET QUELQUES ANALYSES DE L'AFROSCIENTISTE-NATIONAL EN 2022

Résumé: Cet article entend mettre en lumière quelques-unes des mémoires du projet Afroscientist à l'échelle nationale. Quant aux aspects historiques, nous essaierons de les aborder dès la première édition du projet. Quant à l'analyse des impacts, elle est consacrée aux résultats de la troisième édition, en 2022, sur deux axes : i) les conceptions et sur le racisme ; ii) les impacts du projet du point de vue des étudiants boursiers de l'éducation de base. En considérant une analyse des rapports aux questionnaires initial et final, il a été possible de percevoir notamment en ce qui concerne une plus grande perception des attitudes et des discours racistes dans la vie quotidienne, une plus grande positionnement dans les discours et les comportements autour du thème et la compréhension du caractère structurel du racisme. Quant aux impacts, la plupart des boursiers ont indiqué des impacts tant au niveau scolaire qu'au niveau personnel. La pertinence de prêter attention aux jeunes noirs de manière à encourager les talents et contribuer à des espaces représentatifs des patrimoines contemporains.

Mots-clés: Éducation Antirraciste ; Afrocientista ; Recherche Scientifique; Alphabétisation Raciale.

À GUIZA DE INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a intenção de evidenciar algumas das memórias e trajetórias do projeto Afroscientista em âmbito nacional. Quanto aos aspectos históricos, buscar-se-á tratar desde a primeira edição do projeto. Além disso, dedica-se também às breves análises da terceira edição, em 2022, acerca de dois eixos: i) concepções e sobre racismo; ii) impactos do projeto na perspectiva de estudantes bolsistas da educação básica.

O Afroscientista, projeto realizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), é implementado pelos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB'S – e Indígenas – NEABI'S – além de instituições correlatas que se articulam no CONNEABIs (Consórcio de NEAB, NEABIs e grupos correlatos). Este projeto conta com a parceria e financiamento do Instituto Unibanco (IU) desde a primeira edição. Com a intenção de promover a iniciação científica de jovens negros/as, bem como contribuir

para letramento racial⁶, o projeto envolve escolas de educação básica, ensino técnico-profissional, e instituições de ensino superior. É importante destacar que o projeto conta ainda com gestoras/es escolares, coordenação pedagógica, docentes parceiros/as, bolsistas da graduação, participações voluntárias de estudantes e integrantes dos movimentos negros. Neste sentido, coadunamos com Nilma L. Gomes (2017) quando a mesma indica que “esse movimento social trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais(...)” (GOMES, 2017, p.17). A autora enfatiza, portanto, a grande relevância dos movimentos negros também no âmbito educacional e político. O projeto Afrocientista consiste em encontro entre instituições e instâncias distintas que podem contribuir para o enfrentamento ao racismo e propor ações que promovam a equidade racial e a justiça curricular.

A promoção da equidade racial perpassa a construção de espaços que reflitam sobre concepções e impactos –históricos e cotidianos - do racismo. Tal racismo que tem se mostrado como regra e não como exceção, como menciona Sílvio Almeida (2018, p.50). Para o autor e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, o racismo decorre da própria estrutura social, “(...) do modo normal como se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (Almeida, 2018, p. 38). Nesta perspectiva, o racismo cria condições para discriminação sistemática de grupos racialmente identificados. Um dos aspectos que gostaríamos de indicar especial atenção é em relação ao acesso e permanência aos espaços de educação formal. Para Camargo e Benite (2020, p. 46) “a subjugação do povo negro teve como consequência a tardia escolarização em massa a que estes tiveram acesso”. Além disso, o conhecimento e reconhecimento das contribuições históricas, científicas e culturais de povos africanos e afro-brasileiros.

A despeito de toda forma sistemática de racismo, que impõe obstáculos nas construções de subjetividades negras, nas possibilidades de ser e acessar diferentes espaços de produção de conhecimento e espaços de poder, as estratégias de resistências negras são múltiplas e antigas. Como mencionado o Movimento Negro, como pressupôs

⁶ Compreende-se por letramento “processos que envolvem os usos sociais de leitura e escrita” (STREET, 2013, p.51). Sobre letramento racial, tal qual cita Skerrett (2011 apud FERREIRA, 2014, p. 250) trata da compreensão de como raça influencia as experiências no âmbito social, econômico, político, educacional não apenas de indivíduos como dos grupos.

Nilma L. Gomes (2017, p.42) é uma forma de organização política e de pressão social. Forma esta que tem alcançado diversas conquistas, assim como a implementação de leis como 10.639 que estabelece a obrigatoriedade da abordagem da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar. Lei esta que completou em 2023 vinte anos de sua promulgação. Relembramos ainda, como estratégias de resistências de povos negros, os quilombos que na concepção de Abdias Nascimento (2019, p.289-290) representa “reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. Em consonância com esta compreensão de quilombo, revisitamos fala de Talita Ferreira (2021, n.p.) durante o segundo *webinário* Afrocientista, quando a mesma relata ser o Afrocientista espaço de aquilombamento. Para a primeira gestora do Afrocientista, ao longo de sua primeira edição “o Afrocientista é um espaço de aquilombamento (...) O quilombo não é um lugar de tristeza e de fome, o quilombo é um lugar de alegria, onde a gente se encontra com os nossos, compartilha as nossas dores, então é esse o espaço de reconciliação”⁷.

A partir dos múltiplos encontros e formas de atuação do projeto Afrocientista, evidencia-se ainda o lugar das encruzilhadas. Para Leda Maria Martins (2003), a encruzilhada pode ser vista como chave teórica que oferece caminhos para a interpretação do “trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e inter cruzam (...) concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim” (Martins, 2003, p. 69). Considerando tais elementos, o presente artigo estrutura-se a partir de eixo inicial que trata de referenciais teóricos relevantes que contribuíram para a análise dos dados apresentados, seguido por breve histórico do projeto. Destarte, partiremos para a apresentação dos resultados e discussão considerando os eixos inicialmente indicados. Considerando a multiplicidade de públicos alcançados a partir do projeto, quanto aos dois primeiros eixos (concepções sobre racismo e impactos do Afrocientista) serão consideradas as respostas de estudantes bolsistas da educação básica aos questionários iniciais e finais aplicados durante o projeto com o consentimento dos/as mesmos/as e seus responsáveis nos casos de participantes menores de idade.

REFERENCIAL TEÓRICO

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQRyFOSp9EZ/>

Os avanços obtidos diante das constantes lutas e resistência das diferentes instâncias do movimento negro precisam ser celebrados. Entretanto, há ainda muito que percorrer para obtermos cenários sociais efetivamente equânimes. Ao analisar a presença e permanência de pessoas negras dentro das escolas, percebemos que apesar de estudantes negros/as do ensino médio em escolas públicas representam a maioria (59%) em contraposição aos/às estudantes brancos (41%), a adequação idade-série entre jovens com 15-17 anos é maior para jovens brancos/as (83,2%) do que jovens negros/as (75,6%). A taxa de abandono é maior para negros/as (2,8%) em relação aos/às brancos/as. Em relação aos indicadores escolares, um último que gostaríamos de ressaltar trata do atraso escolar, mensurado a partir da distorção idade-série, ou seja, o percentual de estudantes com dois anos ou mais de atraso em relação à idade ideal para frequentar determinada etapa de ensino. Entre os/as jovens no ensino médio, 21,2% de negros/as estão atrasados nesta perspectiva de análise da distorção idade-série em contraposição a 11,2% de jovens brancos/as⁸.

Ainda de acordo com o INEP (2020, s.p), em informações sistematizadas no Observatório de Educação do IU, percebeu-se as diferenças nas notas no ENEM em 2019: média de 539,6 para brancos/as e média de 508,1 para negros/as. Esse ponto implica em pensar nos incentivos políticos, econômicos e sociais para ingresso e permanência em cursos de ensino superior, bem como a continuidade em carreiras científicas.

Além dos aspectos escolares citados acima, é ainda possível analisar a partir do âmbito do mercado de trabalho. Em relatório publicado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEES), a partir de indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) houve um aumento nos trabalhos informais, na subocupação e queda dos rendimentos entre os segundos trimestres de 2019 e 2022. Os impactos maiores foram sentidos pela população negra.

No total do mercado de trabalho, a taxa de participação, que indica a proporção da força de trabalho – ocupados e desempregados – em relação à população total, foi de 63,7%, no segundo trimestre de 2019, e de 62,6%, no mesmo período de 2022. Entre as mulheres negras, 53,3% estavam ocupadas ou desempregadas em

⁸ Informações obtidas a partir do Censo Escolar-Microdados INEP. Sistematizados e divulgados no Observatório de Educação (IU), disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/educacao-em-numeros/analises-integradas/desigualdade-racial-por-escola/12/64/165;1/CE-GB-PMEP-BR_REG_UF_REGN-ANO_DA_EEN_ME_RAC_ESC_0/BRA . Acesso em 10 fev 2023.

2019. O número caiu para 52,3% em 2022. Entre os homens negros, as taxas ficaram semelhantes nos dois períodos – 72,9%, no segundo trimestre de 2019, e 72,6%, em 2022. Entre as mulheres e os homens não negros, os patamares de 2022 foram menores do que os de 2019. (DIESE, 2022, p. 2)

Neste sentido, retornamos ao caráter estrutural do racismo, processo histórico, político, que atua na constituição de subjetividades, “(...) cuja consciência e os afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (Almeida, 2018, p. 49). As elaborações intelectuais, na perspectiva do autor, representam meios que buscam justificar as desigualdades raciais. A dimensão ideológica que constitui o racismo, atrelada ao seu aspecto político evidencia o exercício de poder presente nas narrativas científicas e disseminadas em outros espaços formativos, como escolas e universidades, por exemplo. Para Munanga (2003, s. p.) é essa visão político-ideológica que colocou coletivamente brancos no topo da pirâmide social e negros/as na base desta mesma pirâmide. Deste modo, caberá ainda à ciência, em toda sua multiplicidade, reconstruir narrativas de modo a não reforçar no imaginário social essa complexa estrutura racista. Para Sílvia (Almeida, 2018, p. 42) “a criação e recriação [imaginário social] será papel do Estado, escolas e universidades e dos meios de comunicação de massa”

Para Nilma L. Gomes (2017 p.42) sendo o Movimento Negro uma forma de organização política e pressão social, tem sido um dos principais mediadores entre as diferentes instâncias formativas e institucionais (comunidade negra, sociedade, escola, universidade e Estado). Nessa perspectiva, para a autora supracitada, o Movimento Negro “organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva” (Gomes, 2017, p. 42). Assim, nos parece precioso e transformador – tal qual ocorre no Afrocientista - promover encontros entre essas diferentes organizações e instituições de modo a concretizar criações e recriações do imaginário social, contribuindo para que a história da população negra seja contada para favorecer as narrativas de luta e resistência.

Com isso, conhecer a intelectualidade negra e indígena e os contextos de tais intelectuais, nos parece ser caminho que pode aproximar jovens dos contextos acadêmicos. Para bell hooks (1995, p.473) “qualquer discussão de trabalho intelectual que não enfatize as condições que tornam possível esse trabalho interpreta erroneamente as circunstâncias concretas que permitem a produção intelectual.” Essa aproximação não apenas das produções, como também das pessoas em grupos que planejam, realizam e avaliam ações juntos/as é transgressor. Nessa perspectiva da transgressão, de acordo com

hooks (2021, p. 72) construção de comunidades exige consciência vigilante para enfraquecer mecanismos que levam aos comportamentos que dão vigor às diferentes formas de dominação. Coadunamos com a autora em relação à importância de promover espaços que favoreçam o bem estar, o desejo e prazer em aprender. Ainda nos parece relevante pensar e promover contextos educativos amorosos. Amor que representa uma mistura de carinho, responsabilidade, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança.

O amor na sala de aula prepara docentes e estudantes para abrir a mente e o coração. É a fundação sobre a qual toda a comunidade de ensino pode ser criada. (...) O amor sempre nos moverá para longe da dominação em todas as suas formas. O amor sempre nos desafiará e nos transformará. É esse o cerne da questão. (hooks, 2021, p. 215).

Retomando, portanto, a perspectiva de quilombo ou ainda do projeto Afrocientista como tempo e espaço para aquilombar-se, compreende-se quilombo aqui a partir das contribuições de Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento. Para esta autora (1985, p.46), o quilombo, a partir do século XIX, passa a ser um instrumento ideológico de enfrentamento à opressão, alimentando o sonho de liberdade. Em “(...) 70 o quilombo volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica” (Nascimento, 1985, p. 124). Para Abdias Nascimento (2019, p.289) “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.” A *práxis* que consolida a articulação entre princípio, conceitos e experiências da coletividade negra. Ainda de acordo com o autor:

Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no fronte de criação teórico-científica. (Nascimento, 2019, p. 290)

Neste intuito de promover mobilização coletiva, compreendendo a importância do debate e enfrentamento ao racismo em múltiplos contextos, inclusive no âmbito da produção e acesso aos conhecimentos científicos a partir da intelectualidade negra, o Afrocientista enfatiza a relevância em atentar-se para jovens negros/as. Silvani S. Valentim e Assis (Valentim; Assis, 2018, p. 66) enfatiza que jovens, tratando aqui especialmente a juventude negra, “não tem recebido um olhar positivo que os enxerguem

enquanto sujeitos históricos, seres de possibilidade e ação”. Neste tom, o Afrocientista contribui para esta atenção especial em relação aos/às jovens negros/as, promovendo espaços de reflexão e ação não apenas entre jovens como professores/as e formadores/as de professores/as de modo a guiar-se a partir dos princípios do projeto já anunciados (iniciação científica e letramento racial) para a promoção de uma formação cidadã.

MEMÓRIAS DO AFROCIENTISTA

O projeto Afrocientista foi elaborado inicialmente pela gestão da ABPN durante o ano de 2018. À época, as negociações com o IU buscavam incluir estudantes da educação básica, em especial ensino médio, em projetos de iniciação científica realizados pelos núcleos e grupos correlatos vinculados ao CONNEABS de alguns estados brasileiros. Desde o princípio, o projeto teve como objetivo “aproximar os jovens negros e negras oriundos das baixas classes socioeconômicas e com alto potencial de engajamento acadêmico e social ao ambiente acadêmico universitário” (ABPN, 2018, p. 2). Ainda de acordo com este documento, o projeto partiu da “(...) preocupação de pesquisadores negros e negras sobre a responsabilidade que cabe às universidades brasileiras na formação acadêmica e científica da população negra” (ABPN, 2018, p. 4).

Em busca da articulação entre diferentes espaços formativos, compreendendo o potencial transformador deste encontro, o Afrocientista considerou e ainda considera as especificidades dos espaços escolares em relação aos demais ambientes de educação formal, além de conceber as diversidades regionais como constituintes de um pilar importante para o projeto. São esses diversos espaços formativos, com todas suas especificidades, que perpassam as pesquisas científicas atreladas a uma agenda antirracista:

Assim, neste projeto, os espaços escolares serão considerados lugares onde, dentro de suas especificidades, em alguma medida, pesquisas científicas circulam e são desenvolvidas por educadores/as que militam na agenda antirracista em seus respectivos locais de trabalho” (ABPN, 2018, p. 6).

Neste sentido, a proposta do projeto Afrocientista foi construída a partir de três pilares: iniciação às práticas da ciência; instrumentalização sobre o fazer ciências; e, formação para a cidadania e mobilização social. Deste modo, foi percebida a possibilidade de “(...) incentivar talentos entre estudantes negros e negras (...) mediante

sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica desenvolvidas pelos Núcleos de Estudos Afro-brasileiro – NEAB e entidades correlatas” (ABPN, 2018, p. 7).

Compõe o projeto as instituições de educação básica, com docentes, gestores/as e discentes negros/as do ensino médio; as instituições de ensino superior e seus respectivos NEABs/NEABIs/correlatos, com coordenadores/as, estudantes de pós-graduação e graduação; representantes de movimentos negros das respectivas localidades. As atividades iniciam com etapas de planejamento com núcleos/correlatos, seguindo por etapas de diálogos e planejamento com as instituições de educação básica. Delineada a organização inicial, as instituições seguem com os processos de seleção de estudantes. Após tal seleção são realizados grupos de discussão e, por fim, oficinas de saberes. Quanto às oficinas, representam o momento de culminância do projeto em que as aprendizagens a partir dos grupos de discussões são sistematizadas e divulgadas para público amplo, incluindo a comunidade escolar.

Durante a primeira edição contou-se com a presença de oito núcleos/correlatos⁹, 15 escolas parceiras e 96 bolsistas da educação básica. Neste período o projeto foi coordenado por Talita Ferreira Rezende Costa. A partir da percepção de docentes parceiros/as, os principais impactos notados em estudantes bolsistas do projeto foram: maior percepção do racismo, maior participação em debates nas salas de aula, desejo em dar continuidade nos estudos – graduação, contribuiu com maior autonomia, reconhecimento de si e de outras pessoas como negros/as, maior autoestima (ABPN, 2019, s.p.).

Ao longo do mês de outubro e novembro de 2020 foram realizados quatro encontros vinculados ao “I webinar Afrocientista”. Tais encontros, através do google meet, possibilitaram que pessoas que não conheciam até então o projeto realizassem suas inscrições (144 inscritos/as) juntamente com quem já conheciam de algum modo o Afrocientista (41). Em relatório sobre o desenvolvimento das atividades neste mesmo ano (ABPN, 2020, p. 7), foi explicitado que “a idéia de fazer um Webinar aberto a comunidade como um todo se mostrou uma ferramenta muito eficiente para levar o projeto para outros espaços e debater sobre ele com a comunidade acadêmica e escolar”.

Já a segunda edição o projeto contou com 12 núcleos/correlatos, 18 escolas parceiras e 112 estudantes bolsistas da educação básica. Este grupo (bolsistas da educação

⁹ Cabe indicar aqui que os NEABs/NEABIs/Grupos correlatos estavam vinculados às seguintes instituições: UNIFAP, UFAM, UnB, UFG, UFMA, UFU, UFPA e UFPB.

básica) foi majoritariamente formado por pessoas pretas (51,8%) e pardas (43,6%). Além disso, sessenta e sete (67) estudantes do projeto eram mulheres, e trinta e três (33) homens (ABPN, 2022a, s.p.). Os/as demais não declaram tal informação. Diversas inovações ocorreram em relação à primeira edição: a presença de uma equipe gestora do projeto, contando com secretaria administrativa, financeira, comunicação e gestora nacional. Além disso, durante esta edição pode-se contar com a presença de bolsistas de graduação. A presença de tais bolsistas contribuiu para favorecer a articulação entre coordenação do núcleo/correlato e instituição de educação básica. Além disso, contribuiu com as etapas de planejamento e execução das atividades junto aos/às estudantes da educação básica. Enuncia-se aqui o fato de tais presenças consolidarem o grande papel formativo do Afrocientista no âmbito da formação inicial de diferentes profissionais, muitos dos quais serão futuramente docentes. Considerando docentes, discentes, gestores/as e colaboradores/as dos núcleos/correlatos, em 2021 o projeto contou diretamente com a presença contínua de 218 pessoas.

Nesta segunda edição do projeto, o contexto de pandemia em decorrência do vírus SARS-CoV-2, exigiu uma readequação das atividades. Desde modo, os grupos de discussão e as oficinas foram realizadas majoritariamente de modo virtual. Os impactos da pandemia manifestaram-se não apenas na adequação das atividades. A maioria dos/as bolsistas da educação básica (85) tinham algum parente que precisou sair para trabalhar, ampliando as exposições e riscos. Tais bolsistas também evidenciaram passar por alguma dificuldade financeira (59), perderam alguma pessoa próxima (39) tiveram seus estudos interrompidos (41)¹⁰ (ABPN, 2022a, s.p.). Entre os impactos indicados por estudantes bolsistas da educação básica estavam: a forma de falar sobre o racismo em locais públicos (44 respostas), forma de me ver e ver outras pessoas como negros/as (40), impactou tanto na vida escolar como pessoal (53). Não houve resposta que indicasse ausência de impacto do projeto¹¹.

Ainda na segunda edição do projeto foi possível promover o “II webinar Afrocientista”, realizado entre os dias 12 e 13 de abril de 2021 e direcionado exclusivamente para participantes do projeto via *google meet*. Foi possível realizar, posteriormente, o “III webinar Afrocientista: experiências, impactos e legados”. Tal evento foi virtual e aberto ao público, com divulgação nas redes oficiais da ABPN entre

¹⁰ Tais dados foram coletados entre os meses de março e abril de 2021, referindo-se à execução da segunda edição do projeto.

¹¹ Uma mesma resposta pode ser incluída em diferentes categorias.

os dias 1¹² e 2¹³ de dezembro de 2021. Ainda neste ano, durante o mês de outubro, promovemos o evento intitulado “Roda de conversas com afrocientistas – 2021” com a intenção de criar um espaço para ouvir bolsistas da educação básica e graduação, especialmente seus relatos em relação às experiências durante a execução do projeto. Os encontros consideraram núcleos/correlatos sorteados por região para este momento singular. Neste sentido compôs tais rodas os/as integrantes do NEABI IFAM¹⁴, NEAB UFMA¹⁵, NEABI UFU Pontal¹⁶ e GEPPHERG UnB¹⁷. Outro momento de extrema relevância que ocorreu durante a segunda edição foi o encontro regional com gestões escolares durante os meses de julho e agosto. Tais momentos objetivavam uma maior aproximação entre gestão do projeto e gestões escolares, bem como avaliação do projeto a partir da percepção de tais gestões.

Quanto à terceira edição, realizada em 2022, esta também veio acompanhada por uma série de mudanças. A primeira trata do retorno presencial durante pandemia do coronavírus, após chegar no mês de janeiro de 2021 com mais de duzentos mil mortos, o fim do mesmo ano é marcado pela vacinação de 80% da população acima de 12 anos após quase dois anos de isolamento social e muito luto¹⁸. Esta terceira edição contou com os mesmos doze núcleos/correlatos da edição anterior. Este é um elemento especial para o pleno desenvolvimento do projeto por conceber a importância do contínuo acompanhamento dos grupos e das escolas parceiras. Foi ainda possível contar com doze bolsistas de graduação, muitos dos quais estiveram presentes nesta mesma função na edição anterior (8). Esta terceira edição contou também com maior número de escolas parceiras (21) em relação às edições anteriores. Quanto aos/às bolsistas da educação básica, esta edição contou com 100 estudantes do ensino médio. Considerando que este artigo trata especialmente de análises acerca da edição realizada em 2022, a caracterização do público estudantil (bolsistas da educação básica e graduação) será realizada com alguns detalhes a mais em relação às descrições de edições anteriores.

O público de estudantes bolsistas da educação básica 56% autodeclarados/as pretos/as e 42% pardos/as e 2% brancos/as. Quanto ao gênero, 60% composto por

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XiZ8SWH0Vuc&t=101s>

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dp--8LFpWK8&t=2283s>

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CUyL18Xp1Vu/>

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CU_ErHEJtXT/

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CVWQhAIJ8a-/>

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CVlzgYIpHCF/>

¹⁸ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contracovid-19-no-brasil>

mulheres cis e 37% por homens cis, 1% não binário, 1% gênero fluido e 1% não informou quanto ao gênero e sim sexualidade (ABPN, 2022b,s.p.). Ainda de acordo com o relatório citado, foi possível identificar que 98% de bolsistas estudaram majoritariamente em escolas públicas ao longo de sua trajetória escolar na educação básica e 2% indicou ter estudado majoritariamente em escolas particulares com bolsas. Os/as bolsistas que cursaram em 2022 o 1º ano do ensino médio eram 30,3%, o 2º ano eram 38,4% e, por fim, o 3º ano eram 31,3%.

Ao buscar compreender os contextos vivenciados pelos/as bolsistas da educação básica, foi possível perceber que 44% usam transporte público para ir até a escola. Quanto às áreas em que residem, 42,2% reside em áreas periféricas, 23,2% em áreas centrais, 12,1% em áreas rurais, 11,1% em favelas. Os demais indicaram residências em áreas urbanas (4 respostas), assentamentos (1 resposta) e outros indicaram morar em bairros sem com isso estabelecer uma identificação explícita. (ABPN, 2022b, p.14)

Quanto ao grupo de estudantes bolsistas da graduação, entre os/as 12 estudantes, 6 eram mulheres cis, 5 homens cis e 1 não binário. Em relação à auto declaração étnico-racial, 58,3% pretos/as e 41,7% pardos/as. “Os/as bolsistas de graduação cursam majoritariamente cursos de licenciatura (8), além dos cursos de farmácia (1), engenharia civil (1), serviço social (1) e técnico em administração (1)” (ABPN, 2022b, p.28). Em relação às instituições que cursaram ao longo da educação básica 10 bolsistas indicaram estudar majoritariamente em instituições públicas e 2 bolsistas em instituições particulares sem bolsa de estudo. A maioria (8) indicou residir em periferias, outros/as estudantes (3) indicaram residir em áreas centrais. Neste contexto diverso entre estudantes da graduação e da educação básica, o projeto Afrocientista realizou ações virtuais e presenciais ao longo do ano de 2022.

Durante a terceira edição foi possível realizar o “IV Webinário Afrocientista: espaços de aquilombamento, formação e resistência” nos dias 7¹⁹ e 8²⁰ de junho de 2022 divulgados nas redes oficiais do projeto. Ainda foi possível realizar o “V Webinário: Afrocientista e suas contribuições para a implementação das políticas de ações afirmativas” nos dias 3²¹ e 4²² de novembro de 2022, enfatizando a importância do projeto para a implementação de políticas de ações afirmativas em diferentes contextos. A roda

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Otg-R4zygnU&t=344s>

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Hv8vIhHHRk&t=613s>

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PiJEBafWB-U>

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g0PRjD5ULac>

de conversa com estudantes da educação básica e graduação ganhou nesta edição novo formato e título: “Circularizando falas - Projeto Afrocientista” com dois encontros em outubro de 2022. Um primeiro com a presença de núcleos da região norte (NEAB GERA/UFPA) e nordeste (NEABI UFPB)²³ e um segundo encontro com núcleos da região centro-oeste (Coletivo Negro/a Tia Ciata UFG) e sudeste (NEAB CEFET MG)²⁴.

Os encontros consistiram em partes imprescindíveis para o acompanhamento do projeto ao longo da segunda e terceira edição. Deste modo foram também realizados encontros mensais com bolsistas de graduação e encontros mensais com a equipe gestora do projeto. Um elemento diferencial da terceira edição em relação à segunda foi a realização de três ciclos de reuniões regionais com as gestões escolares. Importa dizer que inicialmente foi previsto dois ciclos de reuniões regionais com gestões escolares durante a terceira edição. Entretanto, durante o primeiro ciclo em 2022, os/as gestores/as de todas as regiões participantes indicaram a grande relevância de tais encontros para ampliar diálogo, percepções sobre desafios enfrentados em cada contexto institucional, bem como os caminhos encontrados. Diante de tal indicativo, foi ampliado para três as reuniões em cada região.

Portanto, considerando o histórico do projeto e as realizações de encontros e eventos ampliando-se a cada momento, é relevante evidenciar como o projeto Afrocientista tem consolidado um espaço dedicado para os aspectos formativos a partir do grande encontro entre diferentes públicos: docentes universitários, estudantes de graduação, docentes e gestões das instituições de educação básica, estudantes da educação básica e representantes de diferentes movimentos sociais.

CONCEPÇÕES SOBRE O RACISMO A PARTIR DE ESTUDANTES BOLSISTAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA - AFROCIENTISTA 2022

Partindo das concepções do racismo a partir do seu caráter estrutural, como já anunciado. “A cor de pele ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas” (Almeida, 2018, p. 60). Assim,

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xGMRJrW0LA>

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1W0ZWeYNKm4>

compreendendo a influência do contexto socioeconômico, político e histórico, a percepção sobre o racismo não é uníssona entre sujeitos negros/as.

Quanto aos aspectos metodológicos, cabe indicar que todos/as participantes assinaram, no início do projeto, Termo de Consentimento e Livre Esclarecido para participação no projeto e nas pesquisas que surgirem a partir do mesmo. Aos/às participantes menores de idade, seus/suas responsáveis legais assinaram tal termo. Noventa e oito bolsistas da educação básica responderam ao questionário inicial e noventa e um responderam ao questionário final. A categorização das respostas seguiu os pressupostos teórico-metodológico de Lüdke e André (2012, s.p.).

Foi questionado aos/às bolsistas da educação básica, tanto no início quanto no encerramento do projeto quais suas concepções de racismo. Em resposta ao questionário inicial do projeto, estudantes indicaram que suas concepções sobre racismo compreendiam as seguintes categorias.

Tabela 1: Concepções iniciais sobre racismo de estudantes bolsistas da educação básica

Categoria	Nº de respostas de bolsistas	Exemplo de resposta inclusa nesta categoria
Preconceito contra cultura e/ou características físicas	32	“ Racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepção sociais baseada em diferença biológica entre os povos.” (CEFET MG)
Ausência de respeito contra uma pessoa baseado na cor	14	“ O racismo é o jeito das pessoas tratar as outras mal só pela cor.” (UFU Uberlândia)
Discriminação que hierarquiza e/ou violenta pessoas	9	“É quando as pessoas negras são tratadas de maneira diferente que as do branco por serem de um tom mas diferente, racismo pra mim é quando entramos em algum ambiente e somos mal recebidos, somos tratados indiferente, quando acham que não somos digno de esta em certo local por causa da sua cor, quando estamos somos "convidados" a participar de uma entrevista e falam que não temos que direito de esta naquela empresa, o racismo pra mim é quando os brancos acha que são melhores que nos negros apenas por terem um tom de pele mas clara.” (UFU Uberlândia)
Julgar alguém baseado em características físicas	7	“É uma prática terrível que nem deveria existir, pois não precisamos enquadrar no padrão da sociedade em ser todos iguais.” (UFU Uberlândia)
Algo que implica em prejuízo da saúde física e/ou mental	7	“Ofender, machucar ou inferiorizar alguém pela sua cor de pele, raça ou etnia.” (UFAC)



Ação que hierarquiza	6	“Ofender, machucar ou inferiorizar alguém pela sua cor de pele, raça ou etnia.” (UFAC)
Ação que divide/distingue em grupos	6	“Uma divisão, distinção, feita em nível abstrato ou real com base puramente na raça de alguém ou um grupo de pessoas.” (UFG)
Algo antigo	5	“Para mim racismo é um preconceito e uma discriminação com raça. Uma falsa ideia que as pessoas a muito anos atrás impôs na sociedade que a espécie humana era dívidas e que uma tinha que ser superior a outra . O racismo pode ser explícita ou camuflada .” (UFU Pontal)
Ocorre em diferentes etnias	5	“Uma discriminação feita pela cor da pele, raça ou etnia.” (UFAC)
Cria/fortalece estereótipos	4	“Racismo é o desprezo pelo semelhante em razão da sua cor, o simples fato de ter a pele escura no Brasil já é motivo suficiente para ser considerado como bandido por quem detém a cor de pele branca.” (UFMA)
Crime	4	“Racismo para mim é quando uma pessoa de cor clara, fala da cor de uma pessoa negra como por exemplo: quando me chamam de preta, porque quando falamos de preto, falamos do preto escravo de anos atrás, e se alguma lei vier naquele exato momento e escutar pode exercer voz de prisão” (UFPA)
Estrutural	4	“O racismo é a consequência do preconceito da humanidade, mas com o foco na cor de pele, na etnia, gerando problemas na estrutura social.” (UFMA)
Discriminação	6	“Racismo e a discriminação de cor de pele” (UFAC)
Não especificou	1	-

Fonte: ABPN (2022b)

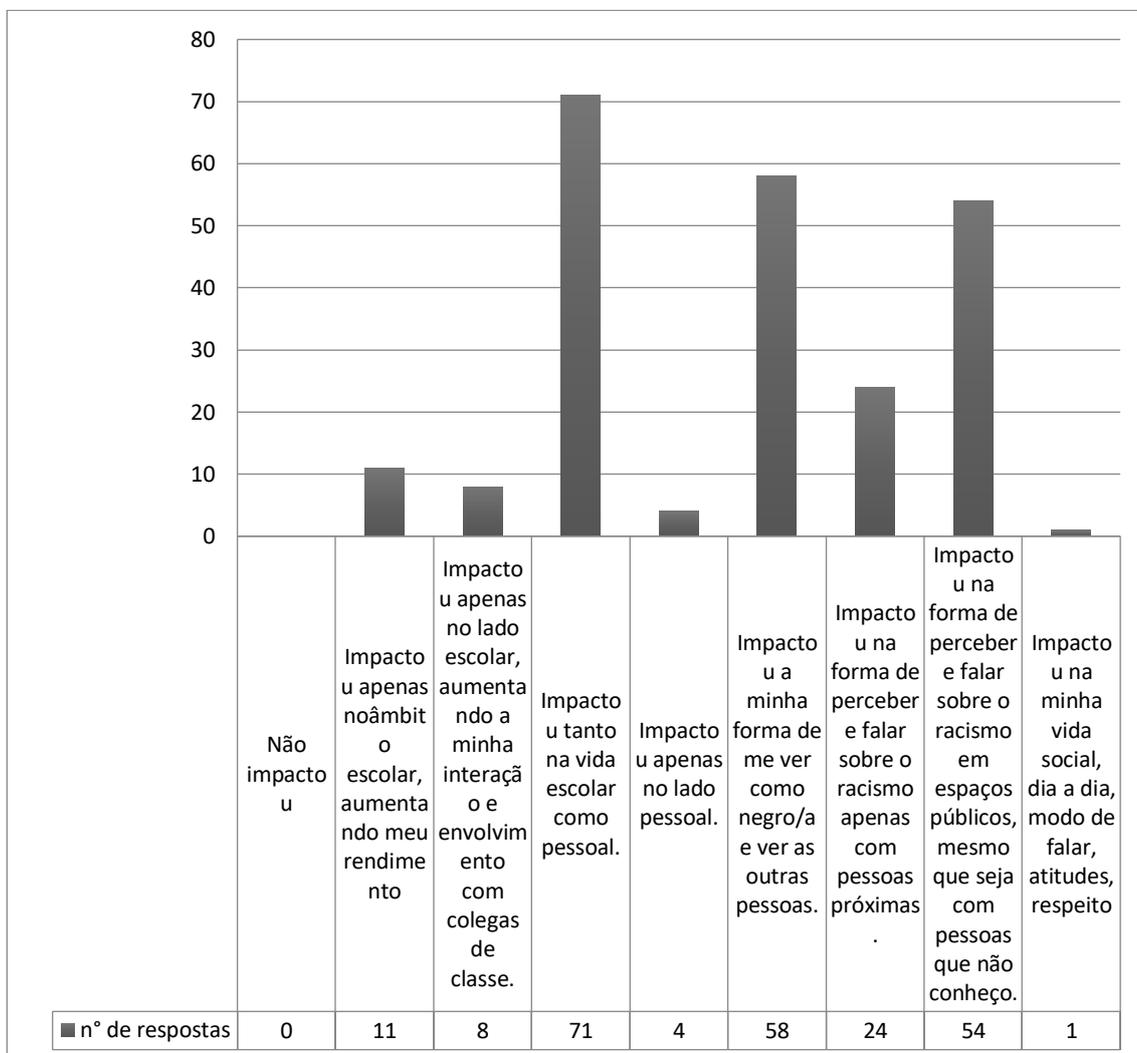
Percebe-se aqui que as respostas, em sua maioria, indicaram grande presença da cultura e das características físicas como mobilizadoras do racismo. Além disso, as respostas também se concentraram em aspectos que relatam falta de respeitos ou julgamentos, sem necessariamente tipificar tais maneiras. O caráter estrutural foi identificado por poucos/as estudantes.

Quando questionados, ao fim do projeto, se as suas concepções acerca do tema passaram por modificações. Entre os/as 91 estudantes que responderam esta pergunta, 87 (95,6%) afirmaram que suas concepções sobre racismo mudaram. Foi possível categorizar as respostas de modo que uma mesma resposta pode ser inclusa em mais de uma categoria. É possível acompanhar as categorias e algumas das respostas dadas pelos/as bolsistas da educação básica:

Tabela 2: Concepções iniciais sobre racismo de estudantes bolsistas da educação básica

Categoria	Nº de respostas de bolsistas	Exemplo de resposta inclusa nesta categoria
Perceber/entender situações de desigualdade a partir do racismo no cotidiano	39	“Eu consigo identificar o racismo nas falas das pessoas com mais facilidade e consigo de alguma forma tentar dizer que o que ela está dizendo é errado.” (UnB)
Aprofundamento e/ou diferenciação entre sistemas de opressão	18	“Antes, confundia racismo com preconceito racial ou discriminação, hoje percebo que está além disso, podendo ocorrer de forma estrutural e institucional de modo a privar indivíduos dos seus direitos inalienáveis. Ainda, acreditava que racismo se dava somente de forma explícita, com atitudes preconceituosas e discriminatórias bem aparentes, mas que, na verdade, pode ocorrer de forma velada e sutil.” (UFMA) “Que não é só chamar de preto ou negro é racismo, existe vários outros nomes e outras coisas q são associadas ao racismo” (UFU Uberlândia)
Algo sistemático e/ou processo histórico	17	“Percebo que o racismo vai muito mais além do que é ensinado superficialmente, vai muito além de discriminar alguém por causa da cor da pele. existe todo um pretexto histórico e social que causa essa prática.” (UFAC)
O modo como eu lido ou falo sobre o racismo	16	“No começo eu sempre ficava meio receosa e confusa para falar sobre o assunto, depois do afrocientista eu tive bem mais confiança em debater e expor minha opinião e consegui compreender muito mais sobre o racismo.” (UFAC)
Entendimento dos aspectos legais acerca do racismo	4	“Por mais que o racismo seja muito frequente, hoje em dia, existem leis, temos direitos a cotas raciais, pessoas como nós podemos nos impor contra os racistas.” (UFPB) “Leis, falas, direitos, brincadeiras.” (UNIFAP)
Reconhecer e/ou admirar referências negras	4	“A forma que as pessoas olham e elogiam as pessoas negras já uma baita de uma mudança, tem pessoas que ainda acham que pessoas negras são nada, mais hoje em dia da pra ver que muitas pessoas admiram as pessoas negras.” (UFU Pontal)
Movimentos de luta e resistência	3	“Que nós temos que lutar, resistir e buscar nossos direitos!” (UFMA)
O modo como eu me percebo e percebo outras pessoas negras	2	“Hoje eu me vejo como eu sou, um dos motivos de eu querer entrar nesse projeto era entender o meu lugar de não retinto na sociedade, em que lugar eu me encaixava e quais eram os meus direitos e obrigações. O projeto me ensinou tudo isso e muito mais.” (IFAM)
A importância das relações	1	“Minha percepção sobre o que eu entendo como racismo mudou totalmente, um novo mundo se abriu diante dos

Gráfico 1: Impactos do projeto Afrocientista 2022 a partir de relatos de bolsistas da educação básica



Fonte: ABPN (2023)

Inicialmente gostaríamos de enfatizar que não houve estudantes bolsistas da educação básica que indicaram ausência de impactos do projeto. Além disso, a identificação explícita de impactos tanto na esfera pessoal como na esfera escolar foi mais frequente (71) do que os relatos de impactos exclusivamente na esfera escolar (19) ou pessoal (5).

Relembrando um dos objetivos do projeto - em promover a iniciação científica de estudantes negros/as – é indispensável pensar nas conquistas e mudanças no âmbito

profissional. Deste modo, a melhora no rendimento ou ainda as conquistas ao ingressar em cursos de ensino superior são pontos relevantes para o projeto.

Ao perceber a grande presença dos relatos de impactos na dimensão escolar e pessoal, nos indica caminhos que enfatizam a importância do projeto nas formações de subjetividades. Perceber os corpos em sua integralidade, falar sobre si como sujeitos cognoscentes e históricos, contribui para o rompimento dos processos de objetificação que é tão necessária para a manutenção dos sistemas de opressão tal qual o racismo (hooks, 2017, p. 27).

Remetemo-nos à fala de Nilma Lino Gomes (2017, p. 130) quando a mesma destaca o papel do Movimento Negro ao suscitar “subjetividade desestabilizadora que desvie do conformismo perante o racismo para a subversão, superação do mesmo e para a construção de políticas radicais de igualdade racial”. Portanto, com os relatos dos/as bolsistas, há indícios que o contato com representações, relatos e históricos do Movimento Negro, instigaram as subjetividades desestabilizadoras possibilitando que tais bolsistas posicionassem mais veementemente diante das situações ou diálogos sobre o racismo.

Tais identificações de impactos (mudanças nas percepções de si e de outro/a como negro, posicionamento e falas com público mais amplo, por exemplo) remetem às concepções de quilombo por Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento outrora citados. Considerando o que relatou Abdias Nascimento em 1985, sobre o quilombo ser um instrumento ideológico de enfrentamento à opressão, alimentando o sonho de liberdade e o reforço de uma identidade étnica. O “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (Nascimento, 2019, p. 289), vivendo na encruzilhada entre princípios, conceitos e experiências da coletividade negra.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A encruzilhada, como sugere o título do texto, é onde acontecem as transformações. Um lugar de construção e reconstrução de um projeto político e pedagógico que promova a educação das/para as relações raciais, reestruturante das relações sociais para uma educação emancipatória negra. Um espaço de desconstrução e reconstrução de um projeto antirracista de educação. Por isso, buscamos aqui, em nossa encruzilhada epistêmica, medidas, meios e formas de investigação dessas materialidades didático-pedagógicas no âmbito das relações raciais que acontecem no



âmbito das escolas de educação básica, ensino técnico-profissional, instituições de ensino superior, e movimentos sociais do povo negro.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisa do Ministério da Educação (INEP), em informações sistematizadas no Observatório de Educação do Instituto Unibanco - IU, percebeu-se diferenças nas notas no ENEM em 2019: média de 539,6 para brancos/as e média de 508,1 para negros/as. Esse ponto implica em pensar nos incentivos políticos, econômicos e sociais para ingresso e permanência em cursos de ensino superior, bem como a continuidade em carreiras científicas. Ainda, em relatório publicado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEES), a partir de indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) houve um aumento nos trabalhos informais, na subocupação e queda dos rendimentos entre os segundos trimestres de 2019 e 2022. Os impactos maiores foram sentidos pela população negra.

Alicerçados na compreensão de que os objetivos precípuos do projeto Afrocientista incluem: instrumentalização sobre o fazer ciências, a iniciação às práticas científicas, a formação para a cidadania e mobilização social, torna-se indispensável incluir nessa tríade as conquistas no âmbito profissional, assim como o ingressar em cursos de ensino superior em uma perspectiva de realização educacional. Compreende-se por realização educacional a entrada, permanência com qualidade, o sucesso educacional e a inserção com competência e qualificação no mundo do trabalho.

Os impactos na dimensão escolar, pessoal e profissional nos indicam caminhos que enfatizam a importância do projeto nas formações de subjetividades, como demonstrado nas visitas técnicas, e no conteúdo das tabelas 1 e 2 que tratam das concepções iniciais sobre racismo de estudantes bolsistas da educação básica. Perceber as vivências de estudantes negros/as em sua integralidade é permitir que falem sobre si como sujeitos cognoscentes, históricos e contribui para o rompimento dos processos de objetificação que são utilizados para a manutenção dos sistemas de opressão, subalternização e exclusão tal qual o racismo.

Neste sentido, o Afrocientista nos interpela sobre a importância dos rompimentos tanto em termos epistemológicos quanto metodológicos e no âmbito da gestão. São questões que suscitam o debate sobre práxis pedagógicas antirracistas (Forde; Valentim, 2012, p.68) implementadas no âmbito de NEABs, NEABIs e grupos correlatos. É urgente

que nas escolas se efetivem, cada vez mais, embates pedagógicos antirracistas, lutas que acendam o debate sobre territorialidades, sobre pluralidades étnicas, identitárias, científicas, tecnológicas e estéticas. É preciso investir em epistemologias outras, que enfrentem os epistemicídios presentes nos livros didáticos, nos currículos, nas práticas pedagógicas. Outros elementos destacados e importantes para serem enfatizados são as mudanças não apenas na percepção e análise do racismo, como também nas possibilidades de dialogar sobre esse tema. O diálogo é um caminho para romper com as fronteiras e construir comunidades. Assenta-se nesta análise os elementos transformadores e estruturantes do Afrocientista.

Encruzilhadas e Aquilombamentos são conceitos e ferramentas importantes na evolução do Afrocientista. Sobre os impactos do projeto valoriza-se a mobilização coletiva para a construção de contextos equânimes e justos, inclusive no âmbito da produção e acesso aos conhecimentos científicos a partir da intelectualidade negra. O Afrocientista enfatiza a relevância em atentar-se para jovens negros/as de modo a incentivar talentos e contribuir com espaços que representam aquilombamentos contemporâneos, conforme alertou nosso baluarte Abdias Nascimento (2019, p. 290), e assim constituem a “mobilização coletiva das inteligências e capacidades escolarizadas para a enorme batalha no fronte de criação teórico-científica”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPN. SILVA, Thatianny A. de Lima; CONCEICAO, Deborah. T. ; SANTOS, Gabriela Pereira Nunes; SANTOS, Ketlin. C. Mouzinho ; VALENTIM, Silvani S. (Org). RELATÓRIO FINAL- PROJETO AFROCIENTISTA 2022. 2023.

ABPN. SILVA, Thatianny A. de Lima; CONCEICAO, Deborah. T.; SANTOS, Gabriela Pereira Nunes ; SANTOS, Ketlin. C. Mouzinho ; VALENTIM, Silvani S. (Org). RELATÓRIO PARCIAL- PROJETO AFROCIENTISTA 2022. 2022b.

ABPN. SILVA, Thatianny A. de Lima; VALENTIM, Silvani. Santos. (Org) . RELATÓRIO FINAL - PROJETO AFROCIENTISTA 2021. 2022a.

ABPN. COSTA, Talita F.; AMAURO, Nicéa Quintino; BENITE, Anna M. Canavarro (Org.). Relatório Afrocientista – 1º edição. 2019.

ABPN. AMAURO, Nicéa Quintino; BENITE, Anna M. Canavarro (Org.). Projeto Afrocientista.2018.

ALMEIDA, Sílvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): *Letramento*, 2018.

CAMARGO, Marysson J. Rodrigues; BENITE, Anna M. Canavarro. Cartografias do racismo e resistência: um breve levantamento histórico. In: BENITE, Anna M. Canavarro; CAMARGO, Marysson J. Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintino (Org). *Trajetórias de descolonização da escola: o enfrentamento do racismo no ensino de ciências e tecnologias*. Belo Horizonte (MG): Nandyala, 2020.

DIEESE. A persistente desigualdade entre negros e não negros no mercado de trabalho. 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2022/boletimPopulacaoNegra2022.pdf>. Acessado em: 29 de janeiro de 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 14, p. 236-263, out. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/141>. Acessado em: 9 de fevereiro de 2023.

FORDE, Gustavo H. Araújo; VALENTIM, Silvani dos Santos. *Revista Tecnologia & Cultura - Rio de Janeiro*, ano 14, nº 20, jan./jun. 2012, p. 61-73.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p.98-109, jan/abr 2012. ISSN: 1645-1384. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/5298127/mod_resource/content/1/%C3%89tnico-racial%202.pdf . Acessado em 20 de dezembro de 2022.

HOOKS, bell. *Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, nº 2, 1995, p. 464-478. Traduzido por Marcos Santarrita.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo (SP): EPU, 2012.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. *Letras*, nº 26, 2003, p. 63-81.

MUNANGA, Kabengele, Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, PENESB-RJ, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acessado em: 23 de junho de 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância Pan-Africanista*. São Paulo: Editora em Perspectiva, Rio de Janeiro (RJ): Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodíaspore Nos.* 6-7, 1985, p. 41- 49. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56637107/NASCIMENTO_Beatriz._O_conceito_de_quilombo_e_a_resistencia_cultural_negra_.In_RATTS_Alex._Eu_sou_Atlantica_-

[libre.pdf?1527080482=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNASCIMENTO_Beatriz_O_conceito_de_quilomb.pdf&Expires=1677072162&Signature=Mof-AyCNHG9U~HY5CZDaDADgzqV5t9e1zu~WDv0~R9BrpNpEjdQ2yDf4qYuxiC8QYg92yhyLQozcJZLqJ7rrKGEcmMXNrK17JIWVswYqFSBmkZiOZNkHAJTdCuAXeq0Y90S-M8rSa97BbaWj0rW-wyuO4I~kJhh5sx6hkFhEF4MFX9SuO4lQqTDQN~aCjys40yqoy9GzkvHI5KuF3XqGdLBVzfW6O9Plxu~yio1V7YgkwBgVyTlXCCvVsOaTxNsbnojJdXiDhFwZuOloeMmaD3WckXSvIw8n6EbSM7mZ3suiQib9IFJpzGa5qsGOv~Kn4enfe4Lawc9rAzNGOXlUxw &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.scielo.br/j/ccedes/a/QksKdVBDHJ4pmgSFPY63Vfw/?format=pdf&lang=pt)>. Acessado em: 29 de janeiro de 2023.

STREET, Brian. V. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 33, n. 89, p. 51-71, 2013,. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/QksKdVBDHJ4pmgSFPY63Vfw/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em 29 de janeiro de 2023.

VALENTIM, S. dos S.; ASSIS, N. P. de. Juventude negra e educação de jovens e adultos (EJA): reflexões na perspectiva da teoria da resiliência. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 66-87, 2018. DOI: 10.22481/praxis.v14i29.4099. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4099>>. Acessado em: 22 de janeiro de 2023.

Recebido em: 29/01/2023
Aprovado em: 15/03/2023